

MUDANÇAS IMPOSTAS PELA GERAÇÃO “Y” NOS CONTEXTOS POLÍTICO E EDUCACIONAL BRASILEIRO

Bento Souza Borges¹
Liliane Rodrigues Vaz²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo situar a geração y nos contextos político e educacional brasileiro atual e discutir alterações nesses contextos para atender aos jovens dessa geração que já nasceram na democracia, foram expostos desde cedo a uma verdadeira parafernália tecnológica, apresentam características comportamentais bastante peculiares e aprenderam cedo que ter liberdade é fundamental. Esses aspectos precisam ser considerados, pois forçam mudanças nos aspectos políticos, nas relações sociais, nas práticas pedagógicas e nas formas de comunicação e de relacionamento. Há que se pensar novas propostas educacionais para eles e um processo democrático que lhes permitam maior participação, pois por meio de redes, sem precisar sair às ruas nem fazer muito alarde eles se organizam e se mobilizam em prol daquilo que consideram importante.

PALAVRAS-CHAVE: Geração Y; Democracia; Educação Superior.

ABSTRACT

The present article has as its objective to set y generation on the daily Brazilian political and educational context and discuss changings into those contexts in order to attend young people from that generation who already were born into democracy, they were exposed since early to a real technological gadget, they show behavior characteristics so peculiar and they learn early that to have liberty is fundamental. Those aspects need to be considered, because they force changings into political aspects, into social relations, into pedagogical practices and into forms of communication and relationship. There is necessary to think about new educational purposes to them and a democratic process which may allow them to bigger participation, because through nets, without going out to streets neither making noise they organize themselves and mobilize themselves in order to make happen what they consider important.

KEYWORDS: Y Generation; Democracy; Superior Education.

1-Aluno do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Uberlândia – Doutorando em Educação na linha de pesquisa: Política, Saberes e Práticas Educativas. E-mail: bentoprof@yahoo.com.br

2- Pedagoga. Analista Educacional- Inspetora Escolar.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os jovens sempre ocuparam o núcleo central dos maiores movimentos políticos da humanidade, independente de onde aconteçam. Com a democracia, regime que garante oportunidade a todos os cidadãos e que estimula as potencialidades daqueles que se mostram mais capazes, não foi diferente. No entanto, esse mesmo modelo de sociedade só “aceita” o jovem que se adequa às suas regras e essa sujeição a normas pré-determinadas normalmente é contrária a todos os valores e princípios próprios da juventude.

Muitas vezes, em virtude destas características eles são vistos e tratados como delinquentes, como se estivessem praticando um crime ou algo do gênero, como afoitos demais ou inconsequentes.

Sobre a participação de representantes populares nos processos democráticos Rosenfield (2003, p.87) afirma:

A grande questão à qual se enfrenta então a democracia moderna é a de que, no seu modo de funcionamento, ela permanece um governo de minoria, na medida em que as suas leis e instituições não são efetivamente vistas e apreciadas pela maioria dos cidadãos como expressão do bem comum.

Apesar dessa situação, temos que não é possível para nenhum país a implantação de um processo democrático que exclua os jovens. No Brasil, as políticas direcionadas a essa população ainda caminha a passos lentos e trôpegos, mesmo sendo possuidor de uma das maiores taxas populacionais de jovens do mundo.

Além do aspecto político, faz-se necessário repensar em uma escola diferente para esses alunos, já que cresceram em um contexto diferente das gerações anteriores. O mundo virtual no qual estão inseridos, as formas diferenciadas de se relacionar com o outro, as novas formas de comunicação desse público, a intimidade que demonstram com as novidades tecnológicas e a dinamicidade na elaboração de várias tarefas concomitantes nos força a olhar para esse aluno de forma diferente e isso, conseqüentemente recai sobre a escola que freqüentam, incidindo diretamente na prática pedagógica desenvolvida por professores em sala de aula.

Sendo assim, este texto objetiva situar os jovens da chamada Geração Y no atual contexto educacional brasileiro, traçando seu perfil ao ingressar na Universidade, relacionando suas características às concepções de democracia e analisando a influência desta sobre aquelas e discorrer sobre as mudanças na prática pedagógica do professor do ensino superior impostas por esse “novo aluno”. O texto apresenta ainda as mudanças no

tipo de democracia – representativa / participativa – propostas por esses jovens por meio das redes sociais.

2. GERAÇÃO Y EM TEMPOS DE DEMOCRACIA

Quem é o jovem da geração Y que está entrando na universidade hoje? Como entender essas pessoas cuja familiaridade com o computador, com a internet e com toda a parafernália tecnológica disponível lhes permitiu desenvolver competências e características tão diferentes das gerações anteriores?

Há uma variação entre as datas que marcam as gerações, no entanto, a maior parte dos pesquisadores considera os Baby Boomers (tradução literal: explosão de bebês) são os filhos da Segunda Guerra Mundial, nascidos entre 1948 e 1963; a geração X são os filhos da geração Baby Boomer, nascidos entre 1964 e 1977 e pais da geração Y, nascidos entre 1978 e 1994.

Todas essas gerações apresentam semelhanças e diferenças, apesar de conviverem em família, na escola, no trabalho. Normalmente diferem em questões como valores e visão de mundo, modo de lidar com a autoridade, sentido de lealdade, expectativas e equilíbrio entre as diversas áreas da vida.

Há um risco muito grande de se fazer generalizações inadequadas quando se traça o perfil de uma geração, mas, os especialistas nesse assunto apontam características específicas de cada uma delas. Os Baby Boomers, por exemplo, são caracterizados como pessoas rebeldes em sua juventude e conservadores na vida adulta. Esses jovens buscavam status e ascensão profissional. Já os jovens da geração X encontraram um contexto diferente daquele vivido por seus pais. Houve mudanças na família, por exemplo. Tanto o pai quanto a mãe saíram para trabalhar gerando um sentimento de culpa deles pela ausência do lar e distância dos filhos o que gerou dificuldades na imposição de limites aos filhos já tidos como integrantes da geração Y.

No Brasil, jovens da Geração Y nasceram numa época em que o país passava por grande instabilidade econômica e, pouco depois, presenciaram vários atos pela retomada do processo de reinstalação da democracia. Junto a isso, também presenciaram um progresso tecnológico nunca visto anteriormente. Aumentou-se a velocidade das comunicações, o que facilitou a interconexão global.

Essa geração cresceu em contato com um progresso tecnológico nunca experimentado pelas gerações anteriores. Com pais e mães trabalhando fora esses jovens passaram a infância tendo que desempenhar várias atividades para preencherem seu tempo e a ausência dos pais. Além disso, os aparelhos eletrônicos (videogames, computadores,

internet) serviram como substitutos dos pais. Isso explica em partes porque essa geração aprendeu a ministrar bem o tempo e a desenvolver várias tarefas ao mesmo tempo. Vivenciando os acontecimentos mundiais em tempo real e se conectando com uma diversidade de pessoas, essa geração aceita mais tranquilamente a diversidade e desenvolveu uma visão sistêmica da realidade. Conforme afirma Elis Monteiro:

Eles são capazes de ver TV, ouvir música, teclar no celular e usar o notebook, tudo ao mesmo tempo. Ou seja, são multitarefas. Adoram experimentar novos aplicativos, têm facilidade com blogs e lidar com múltiplos links, pulando de site em site, sem se perder. Interação mais uns com os outros; ‘acessam-se’ mutuamente para depois se conhecer pessoalmente. (MONTEIRO, 2009, s. p.)

Como já expressei anteriormente, a ausência dos pais acabou trazendo dificuldades para as pessoas da geração Y em entender a questão de limites e autoridade. Além de perceberem o sentimento de culpa carregado pelos pais ainda cresceram na era dos direitos da criança, do Estatuto da Criança e do Adolescente. Dessa forma, essas pessoas buscam seus direitos e tem dificuldades em aceitar os direitos dos outros. Tudo tem que ser feito à sua maneira, no tempo imposto por elas. São impacientes e imediatistas.

Sendo assim, essas pessoas tendem a apresentar dificuldades com hierarquia e não aceitam posturas rígidas de comando. Esperam ser tratados como colegas e não como subordinados e, assim, num clima de colaboração, esperam aprender e trocar experiências. Dessa forma essas pessoas têm dificuldade de aceitar ordens ou cumprir alguma tarefa da qual elas discordem. Apesar disso, sabem elogiar, admiram a competência e o comportamento ético. Gostam de fazer a diferença e precisam ser recompensados frequentemente. Não aceitam ser só mais um no grupo. Precisam notar que papel desempenham e o quanto são importantes para o todo.

3. A GERAÇÃO “Y” NO ENSINO SUPERIOR

A educação superior no Brasil, assim como no resto do mundo, tem se tornado uma realidade para um número cada vez maior de alunos principalmente nas últimas décadas. Segundo o Censo da Educação Superior divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) em 2008, 1.936.078 novos alunos ingressaram no ensino superior, 8,5% a mais em relação a 2007. No total, o número de matrículas em 2008 foi 10,6% maior em relação a 2007, com um total de 5.808.017 alunos

matriculados em cursos de graduação presencial e a distância.

Os principais fatores que contribuíram para a expansão do setor universitário privado, segundo o estudo da Hoper Educacional, foram os seguintes: flexibilização das regras para a abertura de cursos e instituições, ocorrida no Governo Fernando Henrique Cardoso; regularização da lei que permitiu a existência de instituições de ensino superior constituídas de empresas com finalidades lucrativas, em 1999; existência de enorme demanda reprimida entre os anos de 1996 e 2002; universalização do ensino fundamental, com o conseqüente crescimento do ensino médio, ocorrida também na Administração Fernando Henrique Cardoso; e retorno aos estudos de boa parte das pessoas oriundas da população economicamente ativa, que já haviam concluído o ensino médio há cinco anos ou mais.

O perfil do alunado que chega ao ensino superior no Brasil ainda reflete a demanda reprimida que o país não foi capaz de atender durante alguns anos. O estudante universitário brasileiro é mais velho que a faixa etária ideal de 18 a 24 anos. Segundo dados do Inep, o aumento de 61,9% no número de ingressos entre 2000 e 2006 se deveu, principalmente, à faixa etária dos 25 aos 29 anos. No ano 2000, eles representavam 15,9% dos novos estudantes. Em 2006 eram 18,7% do total. Os ingressantes da considerada faixa adulta, acima dos 25 anos, passaram de 35,81% no ano 2000 para 39,73% em 2006.

No entanto o acesso dos jovens – com faixa etária cada vez menor - no ensino superior tende a aumentar já que as propostas governamentais de democratização do ensino médio já acontecem há algum tempo. De fato, os dados mostram que na faixa etária de 15 a 17 anos (na qual teoricamente os jovens deveriam estar cursando o ensino médio) a cobertura escolar tem aumentado: segundo o MEC/INEP, 83% dos jovens brasileiros dessa faixa etária estavam matriculados na escola em 2001. O MEC registra esse dado como um grande avanço, pois em 1980 apenas 49,7% dos jovens de 15 a 17 anos estavam na escola.

Dessa forma, já é perceptível, a redução da faixa etária dos ingressantes no ensino superior. Esses alunos, cada vez mais jovens, trazem consigo algumas características sociais e comportamentais bastante peculiares. Segundo dados do Instituto de Mercados de Capitais (IBMEC) esses jovens têm um perfil homogêneo. São contemporâneos da revolução digital e especialistas em lidar com tecnologia. Usam mídias sociais com facilidade, sabem trabalhar em rede e estão sempre conectados. Além disso, preocupam com o mercado de trabalho altamente competitivo e buscam cada vez mais a formação

superior e o ingresso na carreira pública como passaporte para a estabilidade profissional. São altamente tecnológicos, tem uma relação com a comunicação diferente das gerações anteriores. São pessoas que conseguem ver televisão, trabalhar no computador, conversar no MSN e ainda ouvir música.

Alguns especialistas já apontam as mudanças provocadas por este novo jovem nos departamentos de Recursos Humanos das Empresas. No entanto, essa geração também está chegando à Universidade e, certamente, já tem provocado mudanças nas relações entre escola, professores e alunos, influenciando diretamente o funcionamento das salas de aula.

Todos os aspectos e características referentes aos jovens da Geração Y surpreendem e trazem à tona a questão de como lidar, como conviver e como se comunicar com esse novo público, desafio que as instituições e, especificamente, os professores não podem deixar de considerar.

O que se percebe é que, cada dia mais, essa mudança do perfil do aluno leva o professor a mudar seus hábitos, seus métodos, o nível de cobrança, o planejamento, a aula, enfim, sua postura como docente. Fica cada dia mais evidente que a forma como a maioria dos professores expressam sua visão a respeito dos alunos, quase sempre como limitados com objetivo só de conseguir notas para aprovação no final do período nada mais é do que o desconhecimento de uma realidade e de um comportamento de toda uma geração da qual esse professor não faz parte ou não compreende o bastante.

Eles são alunos repletos de informações, com características marcantes como a impaciência por resultados e ascensão profissional imediata, estão sempre plugados com as tecnologias atuais, fluente em mais de um idioma, muito pró-ativos no trabalho e muito ambiciosos. Toda essa carga altera o seu comportamento em sala de aula e fica cada vez mais difícil para o professor conseguir atraí-los e mantê-los concentrados naquilo que se deseja que eles assimilem. Segundo Demo (2009, p.44) o professor se sente desafiado, em especial porque sua aula é cada vez mais vista como recurso antiquado: aprendeu mal assistindo a aulas quando fez curso superior e mantém este tipo de aprendizagem equivocada na escola.

Dessa forma, o docente universitário tem que praticar verdadeiros malabarismos didáticos/metodológicos para conseguir e, ainda assim, frequentemente não conseguem o desenvolvimento e a socialização do conhecimento científico e, de maneira direta, a melhora qualitativa e quantitativa da cultura e da sociedade, que são objetivos primordiais do ensino superior em virtude do desconhecimento e/ou não entendimento dessas

características do alunado mais jovem de sua cultura e de seu comportamento.

Nesse contexto, para o desempenho da função docente Dela Coleta (2005, p. 229) coloca o papel do professor semelhante ao papel do tecnólogo e espera-se dele:

Que, frente às diferentes exigências que o trabalho, a tarefa, o exercício da docência apresentam, conheça o professor os fundamentos científicos que possam oferecer melhores alternativas de explicação do porquê e de como aquele evento esteja se passando, e que, de posse destes elementos objetivos de preferência imunes a toda contaminação ideológica, possa encontrar alternativas de ação que melhor se adaptem àquela situação, visando o atendimento a expectativas, desejos, metas, objetivos, que possam conferir maiores ganhos aos indivíduos envolvidos e a toda a sociedade.

Essas e outras questões perpassam o cotidiano da sala de aula na universidade e desafiam a instituição e seus docentes a tomarem decisões quanto a que posição assumir em determinadas situações de planejamento ou de execução da atividade docente.

Alguns alunos denotam uma postura bastante peculiar e frequentemente distante daquela sonhada pelos docentes. Em sala de aula, fazem diversas coisas ao mesmo tempo e acham absurdo não poder ouvir mp3, ou usar o celular durante uma aula.

É perceptível o quanto esses alunos valorizam o nível de atualização das informações. Sendo assim, utilizar vídeos em sala de aula, por exemplo, como recurso de apoio pedagógico não é o bastante. É preciso que esteja claro que as informações presentes no vídeo são as mais recentes; sabem um pouco de muita coisa e essa falta de aprofundamento é um fator dificultador do trabalho docente. Odeiam quando lhes é pedida a leitura de um texto jornalístico, por exemplo;

Esses alunos pedem retornos constantes e querem resultados imediatos. Se acham que não estão evoluindo em um conteúdo ou assunto, logo desanimam e são restritivos aos temas que não lhes agradam; não fazem cerimônia alguma para emitir julgamentos de seus professores, são individualistas, mas não necessariamente egoístas. Costumam ser empáticos, pois estão habituados à vida em comunidade ainda que seja a virtual.

O que se percebe é que esses alunos não apresentam as características desejadas pelos professores e caracterizam-se, no ambiente educacional, pela crise quando o assunto é autoridade, quando se fala de valores, de ideologias, pela velocidade, inconsistência e fragilidade dos vínculos. Entender essas características do comportamento dos futuros alunos é um desafio para as instituições e também para os professores.

A inserção desses jovens no universo acadêmico tem-se dado de modo cada vez mais acentuado, consequência das políticas de universalização da educação superior que se constitui tema relativamente novo, atual, complexo e extremamente importante para toda a sociedade, ainda mais quando consideramos a revolução tecnológica vivida nas últimas décadas, a globalização e as novas relações que se constituem no mundo do trabalho, bem como a universalização do ensino fundamental e do ensino médio. Todo esse cenário representa um enorme desafio para o país, especialmente no que tange ao sistema de educação superior, às modalidades de cursos a serem ofertados, aos modos de organização acadêmica e à formação profissional para esse nível de ensino.

Não há como fechar os olhos para essa realidade que se delinea. Não há como continuar pensando uma universidade para uma minoria idealizada enquanto nas salas de aula a maioria absoluta é composta de alunos com características comportamentais e necessidades de atendimento bastante específicas. Há que se buscar potencialidades nessa nova demanda para que ela possa ser devidamente estimulada e atendida.

Pimenta (2008) afirma que muitas vezes as características reais dos alunos do Ensino Superior não são objeto de preocupação do professor que, ao entrar na sala de aula, já os identifica como futuros profissionais da área ou espera que eles tenham um comportamento compatível com as lembranças que o docente guarda de si, de quando era um jovem universitário, ou de seu grupo daquele período. Assim, normalmente, tem-se do docente uma expectativa muito elevada em relação ao desempenho deles e é por isso que, muitas vezes se decepciona com as manifestações dos alunos. O que se percebe no dia a dia das salas de aula é que esse pensamento e comportamento docente precisa ser repensado ou jamais se atingirá ou ao menos se aproximará dos objetivos propostos em sua disciplina ou ao que está proposto nos projetos pedagógicos dos cursos.

Entender como pensa esse grupo é de fundamental importância para quem presta serviços a esse público, principalmente no caso do ensino superior, que possui cerca de 74% de seus alunos entre 18 e 24 anos.

4. GERAÇÃO Y: DEMOCRACIA PARTICIPATIVA OU REPRESENTATIVA?

A democracia participativa no Brasil hoje é destaque mundial. Sobre isso, Lavallo (2006, p.5) afirma que “talvez pela primeira vez na história, a democracia e seu horizonte de reformas possíveis passaram a ser pensados, no hemisfério norte, a partir das experiências vivenciadas no hemisfério sul.” Segundo Lyra (2007)

Sabe-se que existem em torno de vinte e cinco mil conselhos de políticas públicas envolvendo a participação da sociedade: conselhos gestores, deliberativos e conselhos de direitos, em geral, de natureza consultivo-propositiva e de fiscalização; pelo menos duzentas experiências de Orçamento Participativo (OP) e mais de mil ouvidorias em funcionamento no país. Estes são os três principais institutos de participação cidadã na administração pública brasileira (p. 1).

Além destes conselhos, os jovens da Geração Y, pelas suas características estão exigindo muito mais participação e a democracia representativa como acontece no Brasil já não satisfaz seus anseios. Isto se dá pelas características de relacionamento quase totalmente virtual e a internet passa a funcionar como ferramenta de mobilização e engajamento político sobrepondo aos partidos e aos sindicatos.

Tanto os partidos quanto os sindicatos tem suas origens na revolução tecnológica industrial. Ao longo da história estes eram os melhores meios de formação de opiniões coletivas, difusão de ideologias para a maioria dos atos políticos. Este tipo de organização serve como intermediário entre os interesses individuais e coletivos junto à sociedade.

Atualmente, com o advento da tecnologia e das redes de comunicação, os jovens se conectam, expõem suas opiniões e pontos de vista e se organizam coletivamente sem nenhum intermediário. Já é possível sentir a força dessa rede nas manifestações e mobilizações contra ou em favor do preconceito, nos encontros de líderes - Fórum Mundial Social, por exemplo, nas marchas contra este ou aquele governante, nas manifestações anti (globalização, neoliberalismo) e outras mais.

A dinâmica de funcionamento das redes é diferente da partidária. Nas redes o movimento é horizontal e não existe a hierarquização como nos partidos sendo que este foi o principal aspecto para o sucesso dos partidos e sindicatos na era industrial. Na rede raramente há eleições para hierarquização das ações. Só participa quem quiser, a adesão é voluntária e quanto maior a adesão, maior a mobilização.

Como a dinâmica em rede é relativamente nova ainda não foi capaz de se transformar numa nova ordem o que deve acontecer em pouco tempo. Por outro lado os partidos sim, continuam estabelecendo – não se sabe até quando- uma nova ordem, assumem o poder e governam.

A dinâmica em redes é uma tendência mundial com números cada vez maiores e com um potencial democratizante muito grande, o que nos leva a questionar até onde a democracia representativa se manterá. A internet, cada vez mais popular e cada vez mais

utilizada como plataforma de mobilização nos leva a crer que está nascendo uma nova relação dos cidadãos com a democracia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. MEC/INEP/CONAES. **Censo da Educação Superior**. Brasília: INEP/MEC, 2008

CUNHA, L.A.C.R. **A expansão do ensino superior: causas e consequências**. Debate e Crítica. 1975.

COLETA, José Augusto Dela e COLETA, Marília Ferreira Dela. **Escalas para medida de fatores da cultura organizacional de instituições de educação superior**. Aval. psicol., nov. 2005, vol.4, no.2, p.173-182. ISSN 1677-0471

DEMO, Pedro. Professor: profissional da aprendizagem. In: **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Enfermagem** – ISSN 2175-5736 – Vol. 1, n. 1, p.44-65, Julho/2009

GODOY, Arilda Schmidt. **Didática para o ensino superior**. São Paulo : Iglu, 1988.

LAVALLE, Adrián Gurza; HOUTZAGER, Peter P. e CASTELLO, Graziela. **Representação política e organizações civis: novas instâncias de mediação e os desafios da legitimidade**. São Paulo, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.21, n.60, fev. 2006. Artigo impresso via internet. 28 p.

LYRA, Rubens Pinto. Democracia representativa x democracia participativa: a representação do estado e da sociedade civil nos conselhos de políticas públicas. In: **Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil

MALUSÁ, Silvana. Investigação sobre a atualização do docente no ensino. In MALUSÁ E

FELTRAN. **A prática da docência universitária**. São Paulo: Factash, 2003.

MONTEIRO, Elis. **Nativos digitais já estão dominando o mundo e transformando a forma como o ser humano se comunica**. Disponível em:
<<http://oglobo.globo.com/tecnologia/mat/2009/05/18/nativos-digitais-ja-estao-dominandomundo-transformando-forma-como-ser-humano-se-comunica-755911408.asp>>
Publicado em: 18 mai 2009. (1)

PIMENTA, S. G.e ANASTASIOU, L. das G. C. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo. Cortez, 2008.

SCHWARTZMAN, Simon. **Crescimento e Diversificação do Ensino Superior: a Próxima Década**. Texto de abertura do **Seminário sobre situação e perspectivas do ensino superior no Brasil**, Universidade de São Paulo, 5-7/4/1989. Disponível em <http://www.schwartzman.org.br/simon/ensdec.htm>. Acesso em 23/07/2010.

BORGES, B.S.; VAZ, L.R.

ZABALZA, M. A. Os professores universitários. In ZABALZA, M. A. **O ensino universitário**: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004.